



A INAUTENTICIDADE DE MACABÉA

Joanne Ferreira de Oliveira cordeiro¹⁸⁹

UESB – joanneportugues@hotmail.com

Jorge Miranda de Almeida¹⁹⁰

UESB – mirandajma@gmail.com

RESUMO: Este artigo, com base especialmente na perspectiva kierkegaardiana da existência e dos postulados de Bakhtin sobre a dialogia, objetiva analisar a condição existencial inautêntica da personagem Macabéia, ou a sua não-existência, na obra literária *A Hora da estrela*, de Clarice Lispector. A subjetividade do indivíduo constitui a base da análise da vida dessa personagem e de suas (não)relações com aqueles que estão a sua volta, evidenciando a fragilidade de sua presença no mundo e a limitada ligação que tem consigo mesma.

Palavras-chave: Macabéia – Subjetividade – existência

ABSTRACT: This article, based especially in the Kierkegaardian view of existence and in the bakhtinian postulates about the dialogy, aims at analyzing the inauthentic existential condition of the character Macabéia, or yet its non-existence, in the novel "A Hora da Estrela", by Clarice Lispector. The subjectivity of the individual constitutes the basis of the analysis of the life of this character and of her (non-) relationships with those around her, highlighting the fragility of her presence in the world and the limited connection with herself.

KEYWORDS: Macabéia - Subjectivity - Existence

INTRODUÇÃO

Clarice Lispector, escritora brasileira do século XX, em *A Hora da Estrela*, continua no fluxo da consciência, na construção do humano, reflexivo e filosófico, muito embora acrescente à sua regular escritura intimista uma visão crítica da

¹⁸⁹ * Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; Mestranda em Memória, Linguagem e Sociedade, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; Professora do Instituto Federal de Ciências e Tecnologia da Bahia – IFBA.

¹⁹⁰ Prof. titular DFCH-UESB, prof. programa permanente do PPGMLS-UESB-BA. (mestrado e doutorado) em Memória: Linguagem e Sociedade; prof. colaborador PPG Linguística UESB-BA.



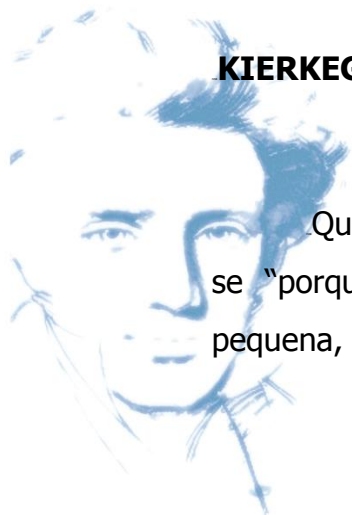
realidade exterior. Entretanto, não nos atemos neste artigo à questão social, mas ao já tão conhecido trabalho introspectivo de Clarice. A introspecção clariceana nessa obra resulta na edificação da personagem Macabéa, que é uma mulher plantada na miserável inconsciência de existir, na indagação do “quem sou eu”, do “o que eu sou”, desde quando a narrativa a apresenta como recém-chegada de Alagoas no Rio de Janeiro até o seu trágico final. A Hora da Estrela é a história do desamparo de Macabéa na cidade que não a recebe; é a história de uma moça perdida que não se busca e, portanto, não se encontra.

A autora, por meio do narrador Rodrigo S. M., conta episódios da vida de uma jovem nordestina, que após perder a tia, seu único vínculo afetivo, muda-se para o Rio de Janeiro à procura de emprego. Divide um quarto com outras três moças e arranja emprego como datilógrafa. Passa o tempo ouvindo a Rádio Relógio e só come cachorro-quente e bebe coca-cola. Apaixona-se por Olímpico, outro nordestino, que a troca por sua colega de trabalho. Desesperada, a jovem procura uma cartomante, que lhe prevê um futuro brilhante, completamente distinto daquele que a espera. Nessa narrativa que oscila entre a realidade e o delírio, encontramos alguém cuja trajetória se faz entre a perdição e o vazio.

Pretendemos, então, com este estudo analisar a não-existência de Macabéa, à luz especialmente dos pressupostos de Kierkegaard, pensador dinamarquês do século XIX, sobre a subjetividade edificante do indivíduo e sua existência, e do pensamento de Bakhtin, teórico russo, verdadeiro pesquisador da linguagem humana. *A Hora da Estrela* é uma obra literária que pode ser analisada nesse contexto kierkegaardiano/bakhtiniano, já que Macabéa se encontra na trajetória reflexivo-psicanalista da existência humana.

KIERKEGAARD E BAKHTIN DIALOGAM EM NOSSA ANÁLISE DE MACABÉA

Quando na visita à cartomante é “bem tratada” por esta, Macabéa assusta-se “porque faltavam-lhe antecedentes de tanto carinho” e “quando ela era pequena, como não tinha a quem beijar, beijava a parede” (LISPECTOR, 1977, pp.





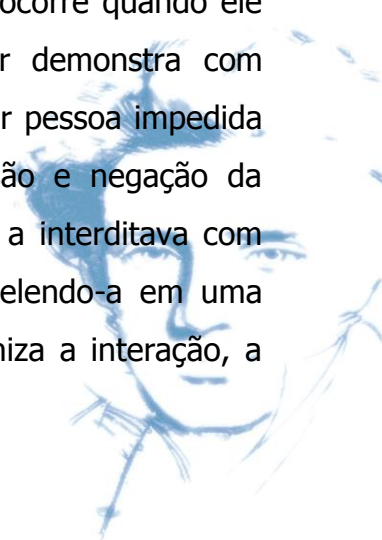
72 e 79). Entendemos então que Macabéa não desenvolveu a maturação e não aprendeu a ter vontade, desejo. Seu único desejo era ter um poço, como um que ela vira quando pequena, para dentro do qual ela pudesse olhar, pois achava divertido. Podemos mesmo dizer que sua existência ficou detida na frágil infância. O narrador chega mesmo a chamar Macabéa de menina-infante.

Macabéa é apresentada pelo inventado narrador de Clarice como uma pessoa que não articula palavras e ideias, nem pensa sobre si mesma: "Maca, porém, jamais disse frases [...] por ser de parca palavra. E acontece que não tinha consciência de si e não reclamava nada, até pensava que era feliz." (LISPECTOR, 1977, p. 69).

Mikhail Bakhtin (1992), teórico russo e pesquisador da linguagem, explica essa relação do indivíduo com a palavra, afirmando que todo signo é resultado do consenso entre os seres humanos socialmente organizados, numa interação que considera a palavra do outro, recebendo-a e transformando-a na palavra própria, num movimento dialógico vivo e significante. Nesse percurso, há um processo de intersubjetividade e de interdiscursividade, como afirma Bakhtin (1992).

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (...), é pleno de palavras dos outros, de um grau vários de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vários de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos. (BAKHTIN, 1992. p.294)

Importa-nos a perspectiva bakhtiniana concernente à tese de que a palavra é o fenômeno ideológico por excelência, tese exposta na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (2000). Ora, se a pessoa é chamada a se manifestar diante de outros para que a interlocução e o diálogo aconteçam, o que ocorre quando ele tem a palavra negada desde muito cedo? O que Lispector demonstra com pertinência é que Macabéa, e poderemos ampliar para qualquer pessoa impedida de utilizar a palavra, é vítima de uma estratégia de exclusão e negação da personalidade subjetiva. Aqui referimo-nos à tia da moça que a interditava com frequência, impedindo-a da dialogicidade bakhtiniana e estabelecendo-a em uma não-comunicação. A cidade do Rio de Janeiro não lhe oportuniza a interação, a





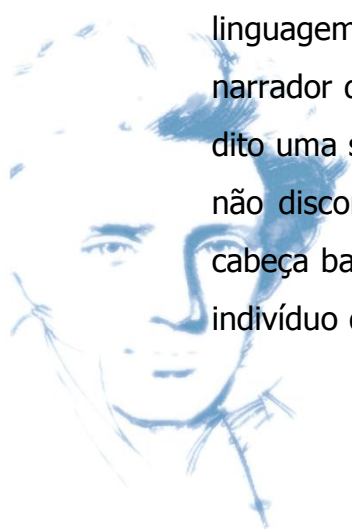
alteridade; a colega de trabalho, o chefe, o namorado, ninguém se interessa pela palavra da jovem.

Além disso, segundo Bakhtin (2000), a compreensão é uma forma de diálogo, pois envolve a apreciação valorativa do outro e uma (o)posição à palavra do locutor, a resposta, em forma de outra palavra, de um gesto ou mesmo do silêncio. Macabéa não entendia o que lhe falavam e nem sabia dar respostas. “Ela era calada (por não ter o que dizer), mas gostava de ruídos.” (LISPECTOR, 1977, p. 33). Não sabia expressar coisa alguma: “Ah, não sei explicar. (...) Acho que não sei dizer” (LISPECTOR, 1977, p. 48).

Quando tratamos da palavra como um dos fundamentos da edificação da vida humana, recorremos aos postulados do dinamarquês Kierkegaard (2005), para quem o outro é fundamental nessa edificação. Edificar, na visão kierkegaardiana, é construir a partir de fundamentos. Tanto para kierkegaard quanto para Bakhtin, é essencial construir a dialética entre a subjetividade do si mesmo e a objetividade da sociedade e do meio sócio-cultural. Como afirmam esses dois pensadores, a dialogia, a alteridade levam a pessoa a construir-se, a conferir-se valor como indivíduo, como singularidade.

Na vida agimos assim, julgando-nos pelo ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria consciência: assim levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem. (BAKHTIN, 2000, p.35-36)

Em nossa análise da jovem Macabéa, vemos um deslocamento da linguagem enquanto fonte criadora e emancipadora para a utilização de uma linguagem superficial e vazia de sentido e sempre de acordo com a voz oficial. O narrador de Clarice diz que o diálogo da moça era sempre oco e que nunca havia dito uma só palavra verdadeira. Ela também estava sempre pronta a concordar, a não discordar da palavra do outro; aprendera com a tia a estar sempre com a cabeça baixa em sinal de subserviência. Segundo o pensador dinamarquês, “cada indivíduo desses incontáveis é algo de determinado, em sua diversidade, cada um



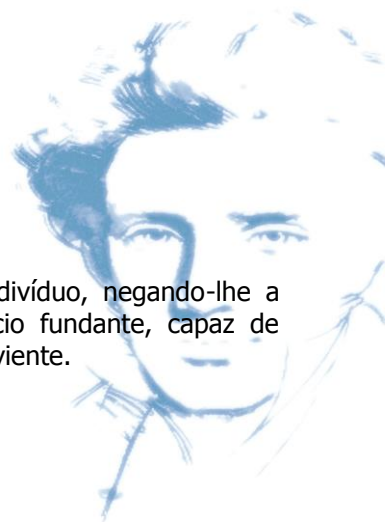


representa algo de determinado, mas no essencial ele é algo de outro” (KIERKEGAARD, 2005, p. 109). Macabéa se encontra na inversão dessa perspectiva, visto que “era uma espécie de ausência de si em si mesma (...) Se fosse criatura que se exprimisse, diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim” (LISPECTOR, 1977, p. 24), e falta-lhe a dialogia de Bakhtin (1992); não realiza a interação dialógica. “Ela falava, sim, mas era extremamente muda.” (LISPECTOR, 1977, p. 29). É alienada, hermética; é impedida de se comunicar, pois o moderno meio sociocultural em que está inserida lhe é adverso. Nos excertos a seguir, vemos a não-relação de Macabéa: “a cidade era toda feita contra ela”; “ninguém lhe respondia o sorriso porque nem ao menos a olhavam”; “Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio”; “Para as pessoas outras ela não existia” (LISPECTOR, 1977, pp. 15, 16, 27 e 63)

Como vemos, há um diálogo de Clarice com Bakhtin e Kierkegaard começando pelas reflexões clariceanas na voz do narrador com continuidade na fraca presença da protagonista. A palavra é a base sobre a qual o sujeito se estrutura, se reconhece, a si, ao outro e à cultura. Mas a moça de Clarice é superficial, um acaso, tão rasa como o capim no dizer do narrador Rodrigo S. M. Macabéa, além de passar a sua rasa condição existencial sob o signo do silêncio e do silenciamento¹⁹¹, absorve as palavras da cartomante e vive o fim predito por ela, o qual lhe anunciava uma mudança radical de vida da miséria para a felicidade. Absorve tanto que, alienada da realidade circundante é atropelada e morre, experimentando assim o seu momento de “estrela”, pois é neste instante que se torna o alvo da atenção das pessoas a sua volta. Rodrigo S. M. diz que sua vida fora mudada por palavras.

MACABÉA: A NÃO-RELAÇÃO CONSIGO MESMA

¹⁹¹ O silenciamento implica aqui o resultado da ação do outro sobre o indivíduo, negando-lhe a oportunidade de manifestar-se como ser autêntico. Não se trata do silêncio fundante, capaz de transformar e edificar a personalidade, mas de um estado de aceitação subserviente.





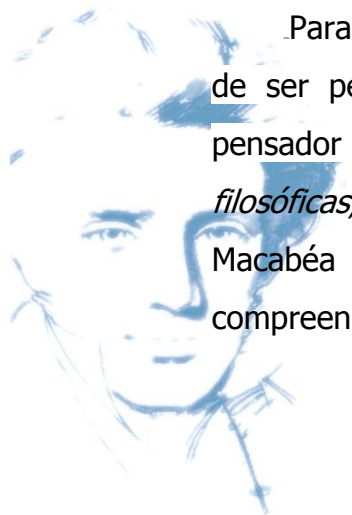
Para o filósofo dinamarquês, a questão do tornar-se indivíduo era decisiva entre todas as questões. Ele empreende uma luta para não ver o humano reduzido à condição de rebanho ou multidão. O humano pode e *deve tornar-se Indivíduo*: decidir se vive sua existência singular ou se despenca na massa do amontoado de gente. No artigo “Kierkegaard: pensador da existência”, Jorge M. de Almeida, comentando Kierkegaard, afirma que

[...] no universal, o indivíduo é dissolvido, despersonalizado de sua estrutura íntima. Isto é, não existe uma responsabilidade pessoal, o que é o mesmo que afirmar que não existe uma existência autêntica. Nesse sentido, a uma Filosofia do conceito, Kierkegaard propõe uma Filosofia da situação-tensionada; a uma Filosofia da objetividade pura e da redução da diferença à identidade do mesmo, opõe uma Filosofia da subjetividade responsável e da alteridade.

Clarice Lispector, na voz do narrador, afirma ser sua obrigação contar sobre uma moça entre milhares delas. Macabéa é rebanho. Ela é mais um na multidão da cidade, um mais no rebanho dos retirantes nordestinos que chegam ao sudeste brasileiro. Macabéa não se sabia nem sentia necessidade de si mesma. “E acontece que não tinha consciência de si e não reclamava nada (...) não prestava atenção em si mesma: ela não sabia”. (p. 69). Quando raramente, ao se comparar com o outro, se perguntava sobre si mesma, nada compreendia e voltava ao estado vegetativo em que vivia.

(...) por pior que fosse a sua situação, não queria ser privada de si, ela queria ser ela mesma. Achava que cairia em grave risco e até risco de morrer se tivesse gosto. Então defendia-se da morte por intermédio de um viver de menos, gastando pouco de sua vida para esta não acabar. (...) Só uma vez se fez uma trágica pergunta: quem sou eu? Assustou-se tanto que parou completamente de pensar. (LISPECTOR, 1998, p. 32)

Para Kierkegaard (2010, p. 301) ser um pensador não deveria ser diferente de ser pessoa e a existência une pensar e existir, pois um existente é um pensador (2010, p. 311). Em *Post-scriptum conclusivo não científico às migalhas filosóficas*, está evidente que a subjetividade é a verdade, a verdade interior. Macabéa então não estaria cumprindo a tarefa do pensador subjetivo de compreender-se a si mesma em sua existência, como propõe Kierkegaard. Se ela





pensava em si mesma era eventualmente e “vagamente pensava de muito longe e sem palavras o seguinte: já que sou, o jeito é ser” (Lispector, 1998, p. 34).

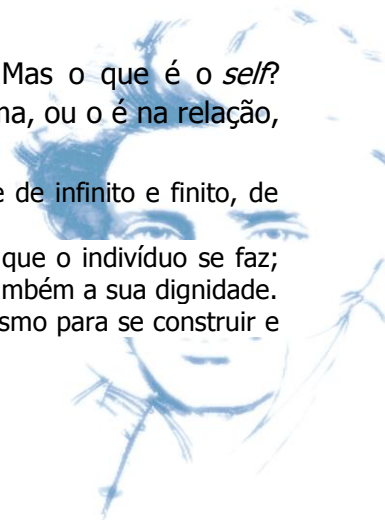
Para Kierkegaard, na busca de sentido para a existência, o indivíduo precisa se angustiar para ter a liberdade de se edificar, evento que se dá frente a possibilidade da liberdade. Em *O Conceito de Angústia* o filósofo afirma que “aquele que aprendeu a angustiar-se corretamente, aprendeu o que há de mais elevado” (2010, p.163). Para ele, o ser só se torna si mesmo através da síntese¹⁹², do salto qualitativo. Para que haja essa edificação, é necessário que o eu rompa por decisão com o que é da massa, para construir a si mesmo na relação. Angustiar-se aqui não é adoecer-se, mas romper com o mal maior que é perder a si mesmo. Ela “vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. (...) O seu viver é ralo.” (LISPECTOR, 1998, p.23). Em Kierkegaard, a edificação da subjetividade¹⁹³ passa pelo desespero, que não é para a morte e nem busca a cura, mas é o desesperar-se para compreender a relação do eu com a sua existência. Esta que não é algo dado, um ser jogado no mundo; é sim um dom que deve tornar-se, pois a não apropriação dessa tarefa instaura o vazio de personalidade, e conseqüentemente o domínio do outro, da opinião do outro, a inautenticidade. Macabéa vive a falta de espírito, a qual “se mostra como a mais terrível de todas, pois a desgraça é justamente esta: que a falta de espírito possui uma relação com o espírito, a qual nada é” (KIERKEGAARD, 2010, p. 102). O nada doía em Macabéa, era uma angústia que nada produzia, a não ser o vazio mesmo, por isso frequentemente tomava aspirina para ver se curava a dor que sentia dentro, mas que não sabia explicar.

Em *O Desespero Humano (Doença até a morte)*, Kierkegaard afirma que o ser humano é espírito.

[...] Mas o que é espírito? Espírito é o *self*. Mas o que é o *self*? O *self* é uma relação, que se relaciona a si mesma, ou o é na relação,

¹⁹² O pensamento kierkegaardiano de indivíduo é o de que ele é uma síntese de infinito e finito, de temporal e eterno, de liberdade e necessidade; é em suma uma síntese.

¹⁹³ Subjetividade em Kierkegaard diz respeito à verdade da interioridade em que o indivíduo se faz; nela está a sua singularidade, o seu segredo, a sua absoluta subjetividade e também a sua dignidade. A subjetividade liga-se à experiência de voltar-se sobre a relação com o si mesmo para se construir e assim encontrar-se com o poder que o criou, com o eterno.





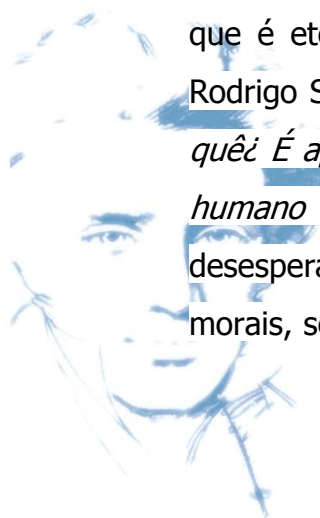
que a relação se relaciona a si mesma; o *self* não é a relação, mas a relação se relacionando a si mesma. O ser humano é uma síntese do infinito e do finito, do temporal e do eterno, de liberdade e necessidade, em resumo, uma síntese. Uma síntese é uma relação entre dois. Assim considerado o ser humano ainda não é um *self*. (1979, p. 194)

Jonas Roos, comentando Kierkegaard quanto a essa possibilidade do tornar-se eu, tornar-se um *self*, considera o fato de que o ser humano apenas por se constituir pessoa já não tem realizada a tarefa do si mesmo, mas que, num processo consciente, decide estar na relação consigo mesmo, no movimento contínuo da relação consigo mesmo.

Entretanto, um ser humano não é necessariamente um *self*, não é necessariamente si mesmo. O *self* envolve um processo de *tornar-se*. O *self* não é a simples junção de elementos polares, o que ainda guardaria um dualismo antropológico, mas uma relação autoconsciente, uma relação que se relaciona a si mesma na medida em que envolve um processo ativo de realização por parte do sujeito.

A dor que Macabéa sentia e que não conseguia nomear, ao que nossa pesquisa indica, parece constituir a dor da ausência de espírito, do não relacionar-se na tarefa de se edificar como *self*, tarefa que, na visão do pensador dinamarquês, não se estabelece com o que está fora, mas com o si mesmo. Macabéa era uma espécie de ausência de si mesma e presença confusa, desesperada, do outro que não cabe em si porque o si não existe. Não é possível encontrar nela nem a interação dialógica bakhtiniana nem a existência kierkegaardiana.

Ser espírito, tornar-se um *self*, encontrar-se na relação na busca do si mesmo, no entendimento kierkegaardiano, acontece na relação com Deus, com o Eterno, o que não diz de eximir-se de responsabilidade, mas de realizar sua própria tarefa no conhecimento de si mesmo, no entranhar-se e encontrar o para além de si, que é eterno. A "carência de infinito" de Macabéa é acusada constantemente por Rodrigo S. M. quando, por exemplo, ele afirma que "*a moça não tinha. Não tinha o quê? É apenas isso mesmo: não tinha*" (LISPECTOR, 1998, p.25). Em *O desespero humano* Kierkegaard assevera que "carecer de infinito comprime e limita desesperadamente" (KIERKEGAARD, 1979, p. 30) e isso seria estreiteza e indigência morais, segundo seu pensamento. Esse desespero e essa compressão do espírito vê-



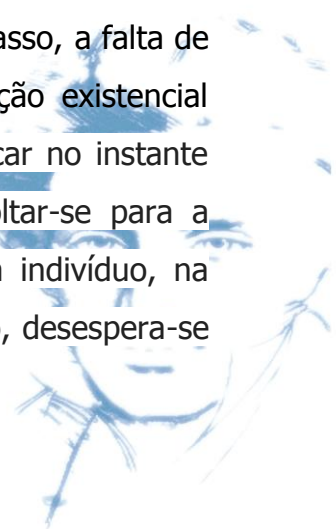


se em nossa moça. O desespero da inconsciência pode ser visto em sua falta de relação com o eterno, o poder criador, com Deus. Ela se via abandonada por Deus e não merecedora de sua graça. Era o misterioso Deus dos outros, por isso rezava indiferentemente, por pura repetição. "Não tinha anjo de guarda". Macabéa jamais conheceria Deus, pois não se conhecia. Macabéa "Quando acordava não sabia mais quem era. Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser." (LISPECTOR, 1979, p. 36) Se para Kierkegaard o nível da consciência no indivíduo lhe mede a "quantidade" do eu, então poderíamos dizer que em Macabéa, o eu inexistente, que não há relação; pelo contrário, há uma desagregação interior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Kierkegaard, ser indivíduo é não se encontrar numa estrutura existencial dada, estabelecida. Para constituir-se indivíduo, segundo seu pensamento, é preciso voltar-se para o interior, para a verdade do interior numa relação com o si mesmo e com o poder que o criou. Isso não significa viver ensimesmado, negando os outros indivíduos. Mas afastar-se do geral para se constituir e nessa relação ao mesmo tempo projetar-se para o próximo. Macabéa, estabelecida no vazio e reunindo em si todo tipo de falta, econômica, social, física, espiritual e intelectual, conforme observa o narrador inventado de Clarice, "seria uma longa meditação sobre o nada" (LISPECTOR, 1998, p.38)

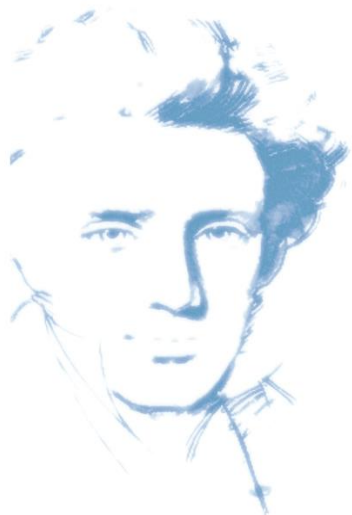
Trata-se da invenção muito singular de uma moça que vive sem existir, que apenas está no mundo. Problemas como a angústia, o nada, o fracasso, a falta de linguagem e de comunicação, emergem o tempo todo da condição existencial dessa moça. Para Kierkegaard, a autenticidade começa a se edificar no instante em que o eu sente a necessidade da consciência de si, de voltar-se para a interioridade, para a busca de valores eternos que o constituam indivíduo, na relação com o Absoluto. Nesse entendimento do eu por ele mesmo, desespera-se





na tentativa de fuga do próprio eu, mas também desespera-se tentando ser esse eu, e é nessa tarefa que está a elevação. Se ocorrer que a pessoa queira ser uma que ela não é, busque um outro eu e não reconheça a si mesma, ela se desespera, mas não para a edificação, desespera-se para a inautenticidade. É assim que Macabéia vivia, em constante reprovação de si mesma e admiração pelo outro que considerava gente, maior e mais importante do que ela. Ela considerava Glória “*um estardalhaço de existir*”, em oposição a si mesma, que não se sentia gente.

Essa personagem clariceana não pode ser considerada uma pessoa, um ser de existência edificada na individualidade, já que na relação consigo mesma ela não se considera “gente”. No encontro que estabelecemos entre Kierkegaard, Bakhtin e Clarice Lispector, há um acordo quanto à análise de Macabéia. Se é preciso interagir com o outro, dialogar com ele, construindo-se, se é preciso relacionar-se, interiorizar-se, já que a subjetividade se constrói no interior, que é a verdade, para se constituir pessoa, então a jovem nordestina, tão universal, é periférica, não tem essência e não se constitui existência verdadeira, singularidade. Nessa narrativa que oscila entre a realidade e o delírio, encontramos alguém cuja trajetória se faz entre a perdição e o vazio.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Michail V. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- KIERKEGAARD, Søren. *Post-scriptum conclusivo não científico às migalhas filosóficas – opere*. Milano: Sansoni Editore, 1993.
- _____. *O Conceito de Angústia*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. *O Desespero Humano, (Doença até a morte)*. in: Coleção "Os Pensadores", Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1979.
- _____. *O Conceito de Angústia*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor*. Lisboa, Edições 70, 1986.
- ALMEIDA, Jorge Miranda. *Kierkegaard: pensador da existência*. "Existência e Arte" - Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei - Ano III - Número III – janeiro a dezembro de 2007.
- ROOS, Jonas. *Kierkegaard e a antropologia entre a angústia e o desespero*. Biblioteca Kierkegaard. Argentina.
- LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

